

A EXPERIÊNCIA PSICANALÍTICA E A CULTURA CONTEMPORÂNEA

primeira leitura, por
Daniel Kupermann

Essa “primeira leitura” está referida às elaborações suscitadas a partir de 7 artigos (dentre os disponíveis até 23/09/03, ver a referência bibliográfica abaixo) encaminhados ao tema “A experiência psicanalítica e a cultura contemporânea” deste Segundo Encontro Mundial dos Estados Gerais da Psicanálise, todos dedicados a uma reflexão sobre os desafios impostos pela atualidade no psicanalisar - entendido em seu sentido mais imediato como prática clínica.

O método adotado apoiou-se, como era, aliás, de se esperar, na constatação de que os ensaios endereçados a esta temática traziam, de um lado, um diagnóstico - mais ou menos explícito - dos mal-estares característicos do contemporâneo e, de outro, considerações acerca do que marca a experiência psicanalítica nesse contexto. Dessa maneira, trata-se, em um primeiro esboço de leitura, de mapear o que os ensaios citados puderam testemunhar acerca da intrusão do atual no cotidiano da prática clínica, bem como o que reconheceram como as figuras do mal-estar contemporâneo.

Porém, os esperados testemunhos acerca da experiência psicanalítica contemporânea assumiram, de modo intenso e surpreendente, o estilo da *proposição*, o que ilustram os títulos escolhidos para alguns ensaios, como “Por uma política...”, “Por uma outra...” etc. - até o momento, quatro trabalhos encaminhados adotaram esse estilo, se deixando entusiasmar ludicamente uns pelos outros, constituindo uma autêntica comunidade de experiência que se expandiu para além dos limites atribuídos a cada um dos temas de discussão.

Afora a constatação de que a modalidade de exposição de idéias através de um site criado pelos Estados Gerais da Psicanálise pode produzir bom humor, as proposições parecem revelar a urgência de se refletir acerca

de uma *política da psicanálise*. Isto é, os campos da clínica e da política não são mais reconhecidos como exteriores ou extemporâneos, e se a práxis psicanalítica pôde, efetivamente, originar um laço social inédito até então (através do manejo da transferência), o que diferenciara o psicanalisar das modalidades de prática política concebidas no século XIX, isso não nos exime de admitir que os modos contemporâneos de exercício do poder e do controle - intimamente associados à exacerbação do capitalismo mundial integrado - poderão, no limite, tornar inviável a experiência proposta pela psicanálise. Portanto, pensar a clínica na atualidade implica também o questionamento acerca do que seja uma política da psicanálise (que não se confunde, obviamente, com as políticas internas ao movimento psicanalítico).

Nesse sentido, a cultura contemporânea teria produzido algumas figuras do mal-estar:

Joel Birman privilegia a do *silêncio*, que se abate sobre os analisandos que pouco falam e pouco fantasiam. Este silenciamento das vozes e do imaginário psíquico corresponde ao emudecimento imposto ao corpo desde a modernidade (Descartes), contra o qual a psicanálise, inspirada no discurso das histéricas, se insurgiu em seus primórdios. Seria esse silêncio do somático, ainda, o responsável pela mortificação das manifestações da pulsão presentes nos sintomas psicossomáticos. Eduardo Leal Cunha, por sua vez, destaca a figura da *pobreza*, em seu duplo sentido de pobreza erótica e fantasística e também de recursos materiais, que parece se alastrar através de fatias cada vez maiores do corpo social, promovendo um ambiente de penúria que ameaça a experiência da diferença e da singularidade. Marisa Schargel Maia baseia-se na clínica com jovens adolescentes, indicando as figuras da *apatia* e da *desafetação* presentes em seu discurso, geralmente acompanhadas (e dissimuladas) pelo uso de drogas, sintoma menos importante frente ao vazio de sentido experimentado em suas vidas, que termina por congelar seu potencial desejante. Eduardo Losicer, em espaço clínico bastante heterodoxo - escutando trabalhadores “embarcados” em uma plataforma de extração de petróleo -, revela de que maneira o *campo* (Agamben) se produz na vida social a partir do momento em que a fronteira entre o público e o privado é sacrificada através do efeito totalitário do regime de trabalho. Quando o estado de exceção se torna a

regra, como quando se é confinado por um imperativo de produtividade ininterrupto, deixa-se de ser sujeito da própria fala; e, nesse caso, parece, efetivamente, que estamos todos no mesmo barco. Finalmente, privilegiei, inspirado nas personagens comatosas de Pedro Almodóvar em “Fale com ela”, a figura do *abandono* como característica do contemporâneo, responsável por uma medida protetora de dessensibilização para a experiência do encontro com o outro, vivido como traumático.

Silêncio, pobreza, apatia/desafetação, confinamento, abandono. Justamente, seria preciso, no exercício da clínica, poder escutar o grito silencioso de socorro (S.O.S/sós) dos analisandos anestesiados através do cultivo de uma outra sensibilidade clínica (Kupermann) e do estabelecimento de um “campo de afetação” intensivo (Maia), para que a experiência psicanalítica possa persistir em sua “política da fantasia” (Cunha).

O que se pode encontrar, portanto, nas proposições ousadas pelos autores destes ensaios, é uma *convocação* no sentido de que o psicanalista se apresente de corpo e alma para a experiência de afetação mútua que qualifica a clínica psicanalítica. Só assim será possível transpor as couraças com as quais as individualidades empobrecidas se resguardam de seu devir sujeito, transformando o encontro analítico em uma “máquina expressiva” (Maia) na qual a criação se faz possível. Mas, para isso, é preciso ao analista suportar uma vacilação narcísica, transformando seu poder em uma “política do desejo como causa”, condição para o “trabalho em conjunto” próprio da análise, segundo a definição de Nelisa Guimarães.

Essa mesma convocação é encontrada na leitura “positiva”, baseada sobretudo em Derrida, que Leila Ripoll faz da reação terapêutica “negativa” atribuída tradicionalmente aos analisandos supostamente resistentes. Em seu argumento, a estagnação de uma análise será produzida se, nos momentos decisivos de uma análise, na “hora do gol” (lembra da música do Belchior?), o analista persistir interpretando segundo o princípio da neutralidade, recusando implicar-se com a experiência sensível em curso. É preciso “deixar a profundidade de lado” unindo o falar ao dizer; de outra maneira, é preciso voltar a “falar com” o analisando.

Uma curiosidade: alguns desses ensaios adotaram uma inédita interlocução com a música popular brasileira (Titãs, Cássia Eller, Arnaldo

Antunes e Alice Ruiz também compareceram), o que sugere uma disponibilidade para escutar a multiplicidade de ritmos e de vozes que compõem a poética contemporânea; um bom desígnio para a psicanálise que se reconhece convocada pelos seus Estados Gerais.

Referências Bibliográficas:

BIRMAN, Joel. “Corpos e formas de subjetivação em psicanálise”, *Estados Gerais da Psicanálise: segundo encontro mundial*, Rio de Janeiro, 2003.

CUNHA, Eduardo Leal. “Por uma política da fantasia”, *Estados Gerais da Psicanálise: segundo encontro mundial*, Rio de Janeiro, 2003.

GUIMARÃES, Nelisa. “Poderes do psicanalista”, *Estados Gerais da Psicanálise: segundo encontro mundial*, Rio de Janeiro, 2003.

KUPERMANN, Daniel. “Por uma outra sensibilidade clínica: fale com ela, doutor!”, *Estados Gerais da Psicanálise: segundo encontro mundial*, Rio de Janeiro, 2003.

LOSICER, Eduardo. “Confinados!”, *Estados Gerais da Psicanálise: segundo encontro mundial*, Rio de Janeiro, 2003.

MAIA, Marisa Schargel. “Extremos da alma – clínica, experiência subjetiva e campo de afetação”, *Estados Gerais da Psicanálise: segundo encontro mundial*, Rio de Janeiro, 2003.

RIPOLL, Leila. “Divina comédia humana (ou sobre a reação terapêutica negativa)”, *Estados Gerais da Psicanálise: segundo encontro mundial*, Rio de Janeiro, 2003.